A figuração energética do elemento aquático n'*A cachoeira de Paulo Afonso* de Castro Alves (1847-1871)

Giovanna Gobbi Alves Araújo[1]

Resumo

A presente pesquisa em andamento se dedica à análise da expressão metafórica da natureza na obra poética *A cachoeira de Paulo Afonso* de Castro Alves (1847-1871). Não obstante sua breve duração, observa-se na produção poética de Castro Alves uma mudança estética. A crítica do final do século XX apontou nas composições de sua última fase um melhor aproveitamento dos recursos metafóricos, particularmente na representação paisagística, conforme apontam os estudiosos Jon M. Tolman e Fausto Cunha. Na obra *A cachoeira de Paulo* Afonso (1876), a constituição da paisagem natural ganha relevo por meio de uma expressão poética depurada, de ênfase sensorial e plástica que, em associação ao estilo sublime, encena liricamente o drama trágico da escravidão. O elemento aquático exerce papel fundamental, pois que presente ao longo de toda a narrativa, articula-se estruturalmente aos personagens principais e a seus destinos, refletindo noções centrais a obra (primordialmente, as de pureza, desonra e resistência) e atuando, em nível simbólico, como matéria da expressão metafórica vívida e sublime. Mediante o emprego de ornatos do discurso relacionados à vividez, a cachoeira, metaforizada num embate de forças naturais, assume índices de uma violência irrefreável, cuja magnitude reverbera a opressão vivenciada pelos protagonistas escravos na esfera humana. Assim, propomos que a manifestação enargética da natureza n'*A cachoeira de Paulo Afonso* – cuja representação maior se traduz na *ekphrasis* do grupo estatuário de Laocoonte no poema "A Cachoeira" – além de atuar como um instrumento persuasivo, materializa um posicionamento estético do eu poético acerca do sublime na obra de arte como veículo privilegiado vinculado à liberdade moral do homem.

Palavras-chave

Castro Alves; *enargeia*; natureza; poesia romântica brasileira

1 Mestranda em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Souza de Carvalho. E-mail: giovannagobbi@usp.br.

Nesta comunicação, apresentaremos os resultados parciais de nossa pesquisa de mestrado acerca dos efeitos do emprego da figura da *enargia*, ou 'pintura viva', na expressão metafórica do elemento aquático no poema *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876) de Castro Alves (1847-1871).

O manuscrito original d'*A cachoeira de Paulo Afonso* apresenta uma nota final na qual Castro Alves transcreve um excerto de uma notícia do *Diário da Bahia*, que traz uma longa descrição da cachoeira de Paulo Afonso e a informação da passagem do imperador D. Pedro II à região em outubro de 1859. A notícia lhe fora enviada por seu editor e amigo Augusto A. Guimarães, a fim de lhe servir de inspiração no processo de escrita da obra. À época, o poeta havia relatado em carta ao mesmo amigo que iria visitar a "queda gigantesca do S. Francisco" (ALVES, 1997, p. 746), como Chateaubriand o fizera às cataratas do Niágara, para completar a descrição da cachoeira de Paulo Afonso. A análise comparativa entre o poema e a notícia de jornal transcrita revelou aproximações terminológicas e conceituais (sonoridade, brilho e clareza) que nos indicaram a relevância dos procedimentos textuais descritivos na composição metafórica da cachoeira no interior da obra. Na obra dedicada à história de opressão e violência vivida por um casal de escravos, Lucas e Maria, a ênfase dada à visualidade poética mediante o emprego de formas variadas da expressão enargética promove a adequação da tragicidade do destino humano à forma lírica. Desta forma, a descrição poética do elemento aquático n'*A cachoeira de Paulo Afonso* corresponde a um instrumento vital na constituição do poema.

Segundo o estudioso Fausto Cunha em *O romantismo no Brasil*, a enargia era técnica frequentemente discutida pelos poetas românticos em seus textos crítico-estéticos, sendo "a pedra de base nos estudos da poesia do tempo" (CUNHA, 1971, p. 65). Além disso, afirma que Castro Alves, dentre outros coetâneos, firmou sua reputação declamatória na manipulação da *illustratio*. O fato se confirma na leitura do texto "Impressões da leitura das poesias do Sr. A. A. de Mendonça", em que Castro Alves avalia o volume de poesias de Antônio Augusto de Mendonça Júnior. Em sua crítica, Castro Alves elogia o tratamento que a natureza recebe nos versos de Mendonça e cita como exemplo de

"magnífica *enargueia*" uma descrição da formação de uma tormenta em meio a ventos e mares revoltos, que o poeta realiza na obra. Enquanto crítico de poesia, Castro Alves julga fundamental que a natureza seja descrita poeticamente em sua exuberância nativa, "majestosa", "arrojada" e "livre", repercutindo as características do ambiente natural local. Para que o poeta cumpra sua função de "retratista da natureza", é necessário que empregue descrições condignas com a natureza brasileira, assim como Petrarca, Hoffmann e Macpherson haviam feito de suas terras natais.

Analisando a figura da enargia conforme sua acepção e uso pela Antiguidade clássica (sobretudo Cícero e Quintiliano) no livro *Enargeia in classical Antiquity and the early modern age*, Heinrich F. Plett a define como as técnicas retóricas pelas quais o orador é capaz de criar "cenas imaginárias" (*fantasia* ou *visiones*), conferindo imediatismo e impressão de concretude ao evento narrado (PLETT, 2012, p. 8). O efeito atingido é o de a cena estar se passando diante dos "olhos internos do público", i. e., os olhos da imaginação. Denominando-a *fantasia*, Longino, no texto *Peri Hypsous* ("Do sublime"), explica que a técnica se aplica aos casos em que em que o orador parece estar vendo o fato sobre o qual fala e o coloca "sob os olhos dos ouvintes". Constituindo um tópico de debate recorrente entre os antigos, a enargia e seus efeitos também são encontrados nos escritos retóricos e filosóficos de Aristóteles, Epicuro, Filóstrato, Hermógenes e Luciano de Samósata, leituras conhecidas pelos poetas românticos. Por tais textos, entendemos que o imediatismo vívido criado pela enargia é ficcional, constituindo, portanto, a razão pela qual ela pode ser vista como pressuposto básico para a constituição das artes – da poesia, das artes visuais e da música (PLETT, 2012, p. 20).

A eficácia da enargia depende da concretude dos detalhes descritivos (*circumstantiae*). Alcança-se o efeito de clareza ou vividez por meio de ornatos do discurso que, ao serem aplicados, tornam a expressão metafórica mais nítida. No poema "A Cachoeira", situado no *dénouement* trágico da narrativa, metáforas de ação, hipérboles, gradações e símiles operam na elevação da dramaticidade na configuração de painéis descritivos da natureza, mobilizando o leitor/ouvinte a recriar imaginativamente as cenas apresentadas

diante dos olhos incorpóreos da mente. Assim, o elemento aquático passa pelos processos de zoomorfização e antropomorfização até se transfigurar na estátua grega do grupo de Laocoonte, constituindo um conjunto alegórico potente da dignificação do espírito humano diante da inevitabilidade da morte. Convergindo em si toda a progressão metafórica, a descrição ecfrástica[2] da reação de contração de Laocoonte e seus filhos ao ataque das serpentes de Tênedos reforça no poema o conceito da resistência diante da violência, engendrando o ápice do sublime estético e o ponto culminante do poema. Tal evocação alegórica, representada por meio do estilo sublime que revela ao homem sua destinação e devolve elasticidade a seu espírito[3], nos leva a entender o desfecho trágico do suicídio dos escravos Lucas e Maria não como uma rendição do casal às impossibilidades de um sistema que os paralisa, mas como a libertação da violência que os anula.

De acordo com João A. Hansen no artigo "Categorias epidíticas da *ekphrasis*" (2006, p. 99), a aplicação das técnicas retóricas relacionadas às categorias de clareza, nitidez e brilho na "visualização imaginosa" (*enargeia*) estimulam o *pathos*, tanto no poeta quanto nos ouvintes, e podem contribuir às funções retóricas de ensinar, agradar/maravilhar e persuadir. Nesse sentido, o uso da enargia por Castro Alves n'*A cachoeira de Paulo Afonso* é particularmente relevante na medida em que as componentes naturais são postas a simbolizar a violência existente na esfera humana, por intermédio de metáforas vigorosas, como forma de representar a corrupção moral do indivíduo escravizado e denunciar o sistema escravocrata que o desonesta, silencia e lhe veda a fruição do amor. Por fim, os mecanismos de descrição ecfrástica e avivamento na representação das águas n'*A cachoeira de Paulo Afonso* agem enquanto recursos potencializadores da capacidade persuasiva do texto poético, atuando como fator esclarecedor dos argumentos apresentados sobre as atrocidades da escravidão.

2 A *ekphrasis* consiste na emulação verbal destinada à descrição pictórica da arte. Cf. a definição de João Adolfo Hansen (2006, p. 86).
3 Cf. as teorias do "sublime dinâmico" em Immanuel Kant e do "sublime patético" em Friedrich Schiller.

Referências bibliográficas

ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 1997.

CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil*: de Castro Alves a Sousândrade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Brasília, DF, INL, 1971.

HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da ekphrasis. *Revista USP*, n. 71, p. 85-105, set./nov. 2006.

PLETT, Heinrich F. *Enargeia in classical Antiquity and the early Modern Age*. The aesthetics of evidence. Leiden; Boston: Brill, 2012.